



## FILOSOFIA DA MODA, DAS ROUPAS, *WHATEVER*

*Philosophy of fashion, of clothes, whatever*

Acom, Ana Carolina Acom; Doutoranda; Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), anacarolinaacom@gmail.com<sup>1</sup>

Bosak, Joana; Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), joanabosak@gmail.com<sup>2</sup>

Moraes, Denise; Doutora; Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), denisepedagoga@gmail.com<sup>3</sup>

Grupo de Pesquisa História da Arte e Cultura de Moda/CNPq

**Resumo:** Este artigo traz algumas possibilidades para pensarmos uma filosofia da moda. A busca pela definição do Ser da Moda, baseada em toda a relação de um corpo vestido ou adornado, depara-se com a Filosofia das Roupas pensada no romance *Sartor Resartus*. O autor Thomas Carlyle ironiza a relação do homem com a moda, mas traz importantes elementos para pensarmos uma filosofia existencial das vestes.

**Palavras chave:** filosofia das roupas; filosofia da existência; Thomas Carlyle.

**Abstract:** *This paper intend to consider some possibilites to think about a philosophy of fashion. The research about fashion's being, based in all relationships that a dressed or ornated body, is related in the novel Sartor Resartus. Despite the fact that the text of Thomas Carlyle intend to be ironic about the relationship between human beings and the fashion, there is important aspects to develop a Existential Philosophy of Clothes.*

**Keywords:** *philosophy of clothes; philosophy of existence; Thomas Carlyle.*

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE), bolsista Capes.

<sup>2</sup> Docente no Bacharelado em História da Arte, no Instituto de Artes da UFRGS, líder do grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda (CNPq).

<sup>3</sup> Docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE).





## Introdução

A investigação sobre o Ser da Moda pretende partir de uma analogia à Ontologia como ciência do “ser enquanto ser”. A ontologia da Moda se define na relação de um corpo vestido ou adornado; por conseguinte, no corpo sem vestes ou vestes sem corpos. Nesta relação ontológica do Ser da Moda, o foco principal será o artefato vestível como elemento fundante de um ser social vestido.

Se desde Aristóteles a ontologia era constituída a partir da interrogação metafísica do Ser, Heidegger tomará seus princípios para propor uma filosofia da existência. Em sua ontologia interessará, sobretudo, o Ser do homem (*Dasein*, ou o ser-aí) (ARENDR, 2008). A filosofia da existência permite a concepção de uma antropologia filosófica, ainda que Heidegger não tenha mergulhado em uma problemática especificamente antropológica. “O homem, como identidade entre existência e essência, parecia oferecer uma nova resposta para o problema do Ser em geral.” (ARENDR, 2008, p.206). Se no pensamento grego a ontologia era constituída a partir da interrogação metafísica do Ser, o ponto de partida fenomenológico de Heidegger será antropológico (STEIN, 1973). A filosofia da existência do homem e sua cotidianidade deverá então, pautar o problema do ser no mundo.

Ao nos referirmos ao Ser da Moda, está em jogo o homem e sua relação com um artefato vestível. Esta pesquisa investiga como este Ser se constitui enquanto elemento fundante de um ser social vestido. Ao me referir a um artefato e um corpo que o veste, afirmo uma relação existencial do homem e sua roupa. Pois, a vestimenta é um “elemento que engaja todo ser” (CIDREIRA, 2009, p.96).

Durante a pesquisa sobre os autores que lidaram diretamente com uma filosofia das roupas ou da moda, encontramos na obra *Sartor Resartus*, escrita em 1834 por Thomas Carlyle, um romance existencial baseado na filosofia das roupas criada por seu personagem. Ainda que o autor ironize a questão, seu



objetivo não é um ataque à moda, mas trazer a ideia de uma sociedade que se baseia na roupa.

## **Sartor Resartus e algumas pistas na investigação ontológica da Moda**

Ao fabular uma Ontologia da Moda, buscamos seu ser, o qual reside na relação de um corpo vestido ou adornado; assim como, no corpo sem vestes ou vestes sem corpos. Este artigo não explora diretamente esta teoria, mas reporta uma revisão conceitual de autores retomados durante a pesquisa, os quais exploraram uma filosofia da moda ou das roupas com enfoques distintos. O texto destaca a obra de Thomas Carlyle, que, de certo modo, ironiza a moda, mas torna-se indispensável para a abordagem de uma filosofia das roupas.

*Sartor Resartus* é uma obra ficcional, mas com o pano de fundo de expor ideias filosóficas. A história do filósofo alemão Diógenes Teufelsdröckh é narrada por um editor inglês que, ao mesmo tempo, organiza, traduz e comenta a “Filosofia das Roupas”, livro enviado pelo próprio pensador com a intenção de dar a conhecer ao público de língua inglesa suas ideias. O editor, julgando ter em mãos uma novidade filosófica que deverá exercer influência benéfica sobre o pensamento de seus compatriotas, põe-se a traduzir e comentar trechos do material recebido. (SOUZA, 2012).

O pensamento de Teufelsdröckh radicaliza a existência humana em função das Roupas. Estas seriam a base de toda existência humana e através delas, poderíamos compreender melhor nossa própria existência (SEVENDSEN, 2010).

Assim, neste assunto tão fértil das ROUPAS, se incluem todos os homens que pensaram, sonharam, fizeram e foram: todo o Universo



exterior e o que contém não é, senão a Roupas, e a essência de toda Ciência se apoia na FILOSOFIA DAS ROUPAS. (CARLYLE, 2013, p.739).<sup>4</sup>

A observação indispensável é que *Sartor Resartus* não é uma obra sobre as Roupas, mas sobre a existência humana. Ainda que o autor ironize a questão da Moda, nem por isso a obra deixa de ser um dos escritos mais argutos sobre o tema de acordo com Svendsen (2010). Thomas Carlyle não objetivava um ataque à moda como tal, “mas defender a autenticidade humana – que o interior deve corresponder ao exterior, e que nosso eu exterior deve ser a expressão de uma espiritualidade genuína”. (SVENDSEN, 2010, p.20).

A maneira como Carlyle pensa uma Sociedade das Roupas através de seu personagem, o Professor Teufelsdröckh, pode soar muitas vezes bizarro, regado a sarcasmo, intrincadas metáforas e neologismos. Contudo, os fundamentos de seu pensamento existencial e sobre a transitoriedade de símbolos podem ser extraídos deste romance (ROSSATTI, 2011). Além disso, algumas concepções desta Sociedade das Roupas, fornecem ricos argumentos para esta investigação sobre o Ser da Moda.

O professor Teufelsdröckh desenvolve sua “teoria dos símbolos”, onde as roupas seriam a simbologia máxima, sendo tudo o mais referido a elas por analogia. Ele pretende provar a influência moral, política e religiosa das roupas. Todos os interesses do homem estão “presos, abotoados e sujeitos às roupas. A sociedade se funda nas Roupas, ou, por outro lado: A sociedade navega pelo Infinito sobre as Roupas, como sobre um Manto fáustico” (CARLYLE, 2013, p. 504). A Filosofia das Roupas classifica como vestidas todas as coisas visíveis, porque estas seriam manifestações ou vestes do espírito. Uma vez que a essência humana seja despojada de suas embalagens, como cascas de tecido

---

<sup>4</sup> As citações de Thomas Carlyle, são traduções das autoras da versão em espanhol da obra.



que a envolvem, podemos discernir, desde os rudimentos primitivos, o que é mutável do que é imutável no Ser do Homem, a saber – suas roupas ou adornos, sempre existindo como algo que nos reveste.

A metáfora principal da obra é o tecido: o tecer e re-tecer, assim como o construir, reconstruir e destruir, são analogias utilizadas para tratar do poder de criação existentes no ser humano (ROSSATTI, 2011). Não por acaso, um dos últimos capítulos do livro chama-se “Alfaiates”, onde o filósofo tece elogios a estes profissionais que operam tecidos, e parece basear seu pensamento neste ofício de fazer vestes. “O alfaiate não é apenas um homem, e sim uma espécie de Criador ou Divindade.” (CARLYLE, 2013, p. 2864). Neste ponto, podemos ver todo o poder atribuído a roupa como potencializador de identidades e posições sociais, já que o alfaiate tem como principal função confeccionar trajes masculinos. De acordo com a teoria das Roupas “um homem é convertido em Nobre pelo alfaiate revestido não apenas de Lã, mas de Dignidade e de um Domínio Místico.” (CARLYLE, 2013, p. 2866). A obra segue dissertando sobre tudo o que constitui “o belo tecido da Sociedade”: seus mantos reais, estolas pontifícias, e as passagens da história; do Estado de Natureza (desorganização e nudez) até a organização como Estados Nacionais e da Humanidade. Segundo a teoria, poderíamos atribuir todos estes acontecimentos como criação do Alfaiate. “O que são os Poetas e os Moralistas, senão uma espécie de Alfaiates metafóricos?” (idem, p. 2868). Sem dúvidas, a metáfora é relevante para pensarmos uma Sociedade da Roupas, um Alfaiate como o “arquiteto do universo” dos maçons, ou Demiurgo de Platão, mas que constrói a sociedade civilizada, essencialmente vestida.

O título em latim *Sartor Resartus*, seria algo próximo daquele que remenda, conserta (BUSSARELLO, 1998). Em inglês, temos o termo *sartorial* para nos referirmos à alfaiataria, mas se fosse traduzido, poderia ser algo como





*Taylor Retailored*. Já não encontramos a mesma sonoridade em português, que ficaria algo como ‘Alfaiate Remendado ou Recosturado’. De qualquer modo, permanece a metáfora de criação e recriação, ou costura do Ser Social, através da figura do alfaiate (ROSSATTI, 2011).

Para o professor Teufelsdröckh, assim como cobrimos a nudez de nosso corpo com as vestes, também todos os convencionalismos, costumes e ritos da sociedade são considerados como roupas que ocultam o verdadeiro modo de ser do homem. O professor parece reivindicar uma função retórica para as roupas – como as vestes de um juiz (sua peruca e toga), que seriam capazes de ordenar uma condenação, pois seria como as pessoas o identificam e legitimam suas ordens (BARNARD, 2003). As roupas de um juiz são emblemas visíveis de sua autoridade, “[...] razão pela qual todos os mortais sabem que ele é um JUIZ [...] Quanto mais penso na Sociedade, mais me impressiona o fato dela se fundamentar nas Roupas” (CARLYLE, 2013, p.607).

Baseado no exemplo de Carlyle do Juiz e de um Maltrapilho que se submete à sua sentença, Barnard (2003) evidencia que as posições de autoridade e *status* não são meramente refletidas pelas roupas, mas constituídas pelas roupas que estes homens vestem. Essa seria a visão radical do personagem de Carlyle, endossando a ideia contraditória de que o “hábito faz o monge”. Como se a roupa de fato determinasse uma identidade e vida social.

A ideia de radicalizar a existência humana em função das Roupas é o que transforma a obra de Carlyle em um documento sobre a Filosofia Existencial das Roupas, algo que relaciona a essência do homem e sua cotidianidade com o vestir. Carlyle compara o desenvolvimento da Filosofia das Roupas com uma vulgar e perigosa viagem que envolve o homem como uma casca de tecido; uma viagem em direção ao interior das vestes da alma humana. A roupa é tratada



como uma ideia arquitetônica: roupa e corpo constituindo o edifício de uma pessoa. De modo que um ser desnudo, perderia sua identidade.

Talvez nem uma vez na sua vida te ocorra, seu vulgar bípede, de qualquer país ou geração, seja um Príncipe de manto dourado ou um Camponês de casaco de carneiro, que o seu traje e seu Ser não são um e indivisíveis; que está nu, sem roupas, até que roube ou compre uma e, para previsão, o costure ou abotoe. (CARLYLE, 2013, p.567).

Carlyle utiliza o exemplo dos Dândis, em um capítulo dedicado a *Sociedade dos Dândis*. “O Dândi é um homem cujo negócio, ofício e existência consiste em vestir-se” (idem, p. 2697), sua inteligência decorre de suas roupas. Ironicamente ele compara a “seita dos Dândis” com a “seita dos mendigos andrajosos”, tecendo uma série de análises sobre o estilo de vida de ambos. Mas o que subjaz neste comparativa é o reino da Sociedade da Roupa, dois polos que contrapõem a sociedade inglesa do século XIX, com hábitos e disputas definidas pelo código vestimentar. Sendo o dândi o responsável pela instituição dos princípios do traje masculino, eliminando exageros e barroquismos que redefiniram pelo vestir os padrões de comportamento e atitudes; e os mendigos pedintes, cuja pobreza suplicante só pode ser atestada por seus trapos. Em ambos os casos não se trata somente de roupas, mas do conjunto de gestos, odores e palavras autenticadas pelo vestir. Este elemento, torna importante ressaltar que *Sartor Resartus*, além de um romance existencial, se coloca como crítica da sociedade vitoriana solidificada nas aparências.

Carlyle (2013) fundamenta a teoria das roupas nas bases da existência humana, pois o homem é o único animal capaz de conceber e empregar ferramentas, das quais as vestes são artefatos intrínsecos. Esta relação, do homem e seus equipamentos perpassa o Ser da Moda, pois ao analisarmos artefatos vestíveis percebemos informações sobre hábitos, tecnologia, necessidades, estética e inspiração. Os motivos para a inclusão das ferramentas



primitivas, adereços ou vestes nesta relação, é que elas atestam a relação humana metafísica com o vestir.

### Considerações Finais

O estudo dessa obra permite a inclusão de um pensamento nascido entre ontologia e existencialismo para falar das roupas. Mais especificamente, para iniciar uma construção de um pensamento sobre a metafísica do vestir ou adornar-se. Carlyle traz uma reflexão do absurdo de uma sociedade pautada em vestes, mas desperta reflexões de como o convívio social se baseia de fato em vestes e acessórios. Como o caso de apêndices corporais, desde bolsas primitivas para pescas aos celulares como extensão de nossos braços.

A obra de Carlyle, pelas lentes de seu personagem, o filósofo fictício Teufelsdröckh, trata-se de uma crítica social que pode ser analisada como ponto de vista metafísico da relação humana com os artefatos vestíveis.

Esta pesquisa é resultado de uma investigação que culmina no problema da tese de doutorado em desenvolvimento de uma das autoras, Ana Carolina Acom. Tese que busca o Ser da Moda para fundamentar do que se trataria o Campo da Moda.

### Referências

ARENDDT, Hannah. **Compreender – Formação, exílio e totalitarismo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras | UFMG, 2008.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CARLYLE, Thomas. **Sartor Resartus**. Barcelona: Alba, 2013. (Versão digital).







CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os Sentidos da Moda**. São Paulo: Annablume, 2009.

BUSSARELLO, Raulino. **Dicionário Básico**: Latino-Português. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

ROSSATTI, Gabriel Guedes. Do não ao sim eternos ou subjetividade e vontade no Sartor Resartus de Carlyle. In: **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, UFRB, v.3, n.1, junho/2011.

SOUZA, Ana Helena. Sartor Resartus como Discurso Transcultural e sua Tradição Brasileira. In: Anais do **III Congresso Internacional da ABRAPUI**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), 2012. Disponível em:  
<<http://www.abrapui.org/anais/ComunicacoesIndividuaisLiteratura/4.pdf>>. Acesso em: fev./2018.

STEIN, Ernildo. Nota introdutória do tradutor do texto *Que é isto – a filosofia?*. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores, Vol. XLV.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

